

CORPO POLISSÊMICO: A TRAJETÓRIA E OS ATOS DE CURRÍCULOS DE UMA PROFESSORA QUE TRANSITA NA INTELIGIBILIDADE SOCIAL DE GÊNERO

Marcio Rodrigo Vale Caetano*
Regina Leite Garcia**

Resumo

Na invenção de si, proporcionado pelo discurso biográfico, o sujeito emerge como um projeto inacabado e transita entre o que ‘está sendo’, o que não pode mais ser ou poderá se tornar. Este cenário de instabilidade é intensificado com a crise dos tradicionais marcadores de gênero, à medida que eles foram interpelados e, em certo aspecto, desestabilizados na pós-modernidade. Com este quadro, a partir da trajetória de uma professora que transita na inteligibilidade social de gênero, apresento a corporalidade que não se captura em discursos normativos e o seu *encontro confronto* nos espaços da escola. A experiência vivida pela professora assume configurações diversas quase sempre buscando interdita-la; ações que são relacionadas às tentativas de afiançar o androcentrismo e a heteronormatividade na sociedade. Entretanto, sua biografia nos potencializa pensar a sexualidade como um dispositivo criativo e um eterno e instigante caminhar em busca da (auto) satisfação e dignidade.

Palavras-chave: Heteronormatividade. Sexualidades dissidentes. Gênero. Atos curriculares.

[...] Às vezes, o mundo inteiro me parecia transformado em pedra: mais ou menos avançada segundo as pessoas e os lugares, essa lenta petrificação não poupava nenhum aspecto da vida. Como se ninguém pudesse escapar ao olhar inexorável da Medusa[...] Cada vez que o reino do humano me parece condenado ao peso, digo para mim mesmo que à maneira de Perseu eu devia voar para o outro espaço. Não se trata absolutamente de fuga para o sonho irracional. Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimentos e controle. As imagens de leveza que busco não devem, em contato com a realidade presente e futura, dissolver-se como sonhos... O conhecimento do mundo é a dissolução de sua compacidade. Ítalo Calvino (1994).

A INVENÇÃO DE SI

No filme *Tirésia*, do diretor francês Bertrand Bonello, uma transexual brasileira (interpretada pela atriz Clara Choveaux) ganha a vida se prostituindo no *Bois de Boulogne*, famoso ponto de “bonecas¹” de Paris. Uma noite, um psicopata, fascinado pela ambiguidade aparente da transexual, a leva a sua casa e a faz refém, objeto de adoração e exame. Terranova, o “cliente psicopata”, não chega a fazer sexo com ela e, tampouco, bolina-la, ele apenas se satisfaz em admirar suas nuances que contêm em si os dois sexos; em sua avaliação, sinônimo de perfeição. Ao olhar o rosto de Tirésia visualizavam-se traços culturalmente perfeitos do feminino. Dificilmente um olhar disciplinado, ao

* Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, sob orientação da Profa. Dra. Regina Leite Garcia. caetanomarcio@yahoo.com.br

** Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. leitegarcia@pobox.com

observá-la, questionaria o seu sexo de nascimento. Seu pênis ‘invisível’, o mesmo que lhe garantia sustentabilidade no *Bois de Boulogne*, era artificialmente ocultado pela arte de ser mulher. Sua expressão era o ponto cego, conforme nos descreve Heinz Von Foerster (1996), de nossa capacidade investigativa ou aquela que nos leva a constituir inquéritos cotidianos.

O problema inicia quando, privada dos hormônios femininos, Tirésia começa a apresentar pêlos no corpo, voz mais grave e seios menores. Diante do quadro crescente dos signos masculinos de Tirésia, Terranova tenta obter hormônio, mas não consegue. Seu *status* social não lhe permite buscar esse tipo de medicamento. Ao ver sua “rosa mais perfeita” exalar de forma mais intensa o cheiro de masculinidade e voltar aos poucos a ser apenas um homem “estranho”... Terranova @² cega com uma tesoura e @ abandona à beira de um riacho, entre lixos e resíduos de mata. Não é possível saber se a intenção de Terranova era assassinar Tirésia ou impossibilitar o seu reconhecimento.

O filme que simplesmente descreveria a trajetória profissional de uma transexual unifica dois temas históricos: a sexualidade e a religião. Tirésia, agora com fortes traços de um homem, é encontrad@ por uma moça surda, Anna, que dela cuida e @ leva para morar em sua casa.

Com o passar da narrativa, a ex-transexual (e é isto que vejo) começa então a fazer profecias e passa a ser visitada pela população local em busca de respostas sobre o futuro. O padre da localidade visita Tirésia algumas vezes e fica encafifado com aquele corpo estranho com rosto de homem, com pequenos seios, cego e que prevê o futuro. Tirésia reedita o seu passado como transexual, mas não mostra revolta, pelo contrário, parece ficar conformado com o seu dom de profecia. Com o tempo, o ex-transexual e a personagem surda apaixonam-se, o que irá resultar na gravidez de Anna. O relacionamento de Tirésia e Anna somente foi interrompido pelo assassinato do oráculo. O “cliente psicopata” Terranova era o padre da localidade.

Tirésia é um filme cuja palavra é fluidez. O fato de o mesmo personagem (Tirésia) ser interpretado por artistas diferentes (Clara Choveaux e Thiago Teles) e de dois personagens (Terranova e o Padre) serem representados pelo mesmo ator (Laurent Lucas), reforça essa obsessão pela ideia de configuração corporal e pela edição andrógena da biografia. A cena em que Tirésia aparece em nu frontal choca ao revelar uma mulher de beleza incomum, de rosto andrógino, alta, de corpo delicado e com um imenso pênis entre as pernas. As ambiguidades e dualidades presentes nos discursos sobre a transexualidade nos descrevem cenários em que o governo do detalhe é a confirmação de meticolosos currículos entendidos e ensinados na família, na escola, na religião... como feminino.

É em meados da década de 1950, após as primeiras cirurgias de emasculação, que emergiu o conceito de ‘transexualismo’ formulado pelo médico norte-americano, Harry Benjamin. A categoria, quando emergiu, era apenas para nomear um distúrbio relativo à identidade sexual de pacientes submetidos a tratamentos hormonais e cirúrgicos que visavam à transformação da aparência sexual, com base em uma convicção inabalável de pertencer a outro sexo. O crescente desenvolvimento biotecnológico contribuiu consideravelmente para o surgimento desse conceito e seu reconhecimento jurídico-social. Essas configurações instauraram um debate com diferentes posições quanto à avaliação de suas consequências subjetivas e sociais. Essa possibilidade de mudança de sexo criada pela ciência é vista como uma vitória da liberdade que se segue à emancipação crescente das mulheres e ao reconhecimento jurídico-social das lésbicas, dos gays, travestis e transexuais (BITTENCOURT, 2003).

Com este quadro, podemos pensar que na invenção de si, o sujeito emerge como projeto e transita e se percebe no que está sendo, no que já não pode mais ser ou no que ainda poderá se tornar. É uma eterna bus-

ca gerada pela incompletude crônica, alimentada pela necessidade de reconhecimento na cidade de infinitas ofertas e inúmeros conflitos. Como consequência, os marcadores de gênero vêm sendo interpelados, problematizados e, em certo ponto, desestabilizados por outras formas de vivê-los. Eles já não legitimam o sexo e estabilizam o sujeito frente às suas identidades. O gênero foi tomado como efeito de uma maquinaria produtiva que, estimulada pela sexualidade, impulsiona a inúmeras corporalidades. Assim, estamos bastante próximos de um sujeito que se constitui através de práticas discursivas mediadas e constituídas pelas redes de poder. Os *encontros confrontos* entre as diferenças e seus modos de relacionar valores podem potencializar outra capacidade humana: a de experimentar, ressuscitando a narrativa morta pela dinâmica moderna do capital, conforme nos sinalizou Walter Benjamin.

Essa situação permite ampliar o conhecimento de si, com o outro e de ambos com o mundo, como um *flâneur* que viajando nos destinos da vida se reconhece em cada ponto do ambiente, narra a invenção de si e constrói suas identificações e apresentações. Dada a complexidade que emerge nesta investigação, conduzimos a análise ancorada nos estudos culturais, à medida que nenhuma metodologia pode ser privilegiada e empregada com garantias sobre como responder às questões de dados contextos. A “escolha” de uma prática de pesquisa, entre outras, diz respeito ao modo como fomos e estamos subjetivadas/os, como entramos no jogo de saberes e como nos relacionamos com o poder.

Essa escolha nos foi motivada pelo tema definido para a realização do texto: ***a trajetória de vida e os atos de currículos de uma professora que transita na inteligibilidade social de gênero*** e a qual receberá o nome fictício de *Tirésia*. Nos caminhos desta pesquisa, acessamos os saberes da professora através de sua narrativa biográfica. A narrativa biográfica configura a experiência,

dando conta de autocriação e de tramas na construção de identificações individuais e coletivas. Interessam nas narrativas os atos curriculares que vão instituindo o corpo e a sexualidade e como esses discursos interpelaram as identidades, sociabilizando experiências e autorizando ou interditando condutas nas práticas escolares. As narrativas, transcritas em trechos, totalizaram cerca de 4 horas de gravação e foram obtidas por meio de entrevista em profundidade. Neste texto serão descritos apenas alguns fragmentos a partir dos quais será desenvolvida a análise. Privilegiamos as narrativas sobre as experiências profissionais, mais especificamente, aquelas observadas nos atos de currículos que regulam e projetam formas de ser homem e mulher.

Entendemos, como atos de currículos, os movimentos escolares e as tecnologias sociais (currículos prescritos, livros, vestimentas, mídia, etc.) que significado na cultura e obedecendo a certa lógica de planejamento, constroem, ensinam e regulam o corpo, produzindo subjetividades e arquitetando modos e configurações de viver em sociedade. Com esse entendimento, partimos do princípio de que transitam modelos de gêneros nas práticas curriculares e esses projetam a heterossexualidade e a masculinidade como norma e referência.

Este texto se propõe a pensar aquelas práticas educativas que resultaram em corpos estranhos. Nesse caminho, gostaríamos de apresentar as narrativas sobre o *encontro confronto* de Tirésia com outros sujeitos nos espaços da escola. Assim, aceitamos o convite feito por Azibeiro e Fleuri (2008) e vamos caminhar entre o centro marginal³ e a fronteira, podendo ser levado às últimas consequências da relação entre *os sujeitos – individuais e coletivos –*

buscando possibilitar uma produção efetivamente plural de sentidos e lugares sociais, a partir da compreensão de que os significados podem ser reelaborados nos processos de interação social, pelo estabelecimento de contextos relacionais que inventem outras políticas de verdade (AZIBEIRO e FLEURI, 2008, p. 5-6).

Assim, pensando as lógicas que nos educam, propomos partir das reflexões iniciadas por Giroux e Simon (2009), quando descrevem a pedagogia como sendo um

esforço deliberado para influenciar os tipos e os processos de produção de conhecimentos e identidades em meio a determinados conjuntos de relações sociais e entre eles. Pode ser entendida como uma prática pela qual as pessoas são incitadas a adquirir determinado ‘caráter moral’. Constituindo a um só tempo atividade política e prática, tenta influir na ocorrência e nos tipos de experiências. Quando se pratica pedagogia, age-se com a intenção de criar experiências que, de determinadas maneiras, irão estruturar uma série de entendimentos de nosso mundo natural e social (GIROUX; SIMON, 2009, p. 98).

Propomos ampliar as discussões sobre a pedagogia, pensá-la para além dos espaços oficiais, a exemplo da escola e da religião. Em outras palavras, significa reconhecer que todas as relações são educativas e que elas, por sua vez, são reguladas por interesses, sejam estes reconhecidos, conscientes ou descreditados pelos envolvidos. O que nos propomos a pensar, por dentro, são as pedagogias marginais da sexualidade, com seus estatutos de verdade que funcionam como um tipo de currículo, um planejamento cotidiano para a constituição de um corpo adjetivado, ou seja, com identificações.

Nessa perspectiva, significa ampliar o sentido de identidade, que se configura como uma prisão, uma fronteira de desejos e de curiosidades. Vamos trabalhar com a perspectiva da identificação, isso significa dizer que os corpos projetam configurações de identidade, coexistindo com inúmeras outras formas cotidianas de projeção da mesma. Em outras palavras, no cotidiano o que entendemos como uma identidade, a exemplo da professora, é um conjunto de formas de vivenciá-la. Portanto, inexistindo um corpo chamado “professora”, mas identificações referenciadas por determinados entendimentos dessa prática.

O GOVERNO DO DETALHE NO CORPO INTELIGÍVEL

Como é que eu me descobri mulher? Desde pequenina, com 6 anos [...] Eu me lembro que tinha cabelo grande e mamãe gostava de cortá-lo. Eu achava que menina tinha que ter cabelo grande e menino tinha que ter cabelo curtinho[...] A gente morava numa vila e, geralmente, à tardezinha ela botava a gente pra brincar com outras crianças. Ela tirava minha camisa e eu tapava meus seios porque na minha cabeça menina não podia ficar sem camisa[...] Isso incomodava muito minha mãe. [...] na 4ª série [...], a professora chamou a minha mãe dizendo que ela tinha que me levar no médico[...] senão eu ia virar um travesti [...] Quando eu tinha uns 15 anos eu falei pra minha mãe: “mãe, eu não sou homem”. Ela levou um choque. Minha mãe é analfabeta de roça. Eu falava: “eu não sou homem, eu sou menina”. Ela dizia: “Você é menino”. Eu falava que não e comecei a me assumir enquanto mulher. Parei de tomar testosterona. Parei de fazer o tratamento. Ela me pediu pra não falar para o meu pai. Ele não iria aceitar. Ele iria me botar para fora de casa. [...] Quando eu comecei a usar roupa de menina, já era meio andrógona, né? Era muito querida na escola. Era muito perseguida pelos alunos, massacrada e humilhada. Mas, os professores sempre gostavam de mim. Quando eu botava as roupinhas, a direção da escola ficava chocada.

A narrativa que apresentamos é da professora de matemática que transita na inteligibilidade de gênero. Em outras palavras, significa dizer que a projeção de Tirésia não a enquadra nos limites conhecidos socialmente de um corpo masculino ou feminino. Talvez, estejam se questionando se existe uma legibilidade de gênero, nós responderíamos: não. Entretanto, todos nós, independente do espaço em que vivemos ou atuamos, possuímos uma visão sobre o que é ser homem ou mulher. Esta visão, muitas vezes radicalmente binária, é fruto dos instrumentos que nos educaram e que nos auxiliaram na construção singular de nossa ideia de masculino e feminino – as categorias de gênero mais conhecidas e reivindicadas pelos sujeitos no Ocidente. Graças a esta visão binária, Tirésia é majoritariamente vista e tratada como não homem e não mulher.

Para Lamas (1994), o conceito de gênero corresponde a um conjunto de ideias sobre a diferença sexual que atribui características “femininas” e “masculinas” a cada sexo, a suas atividades, condutas e às esferas de vida. Mediante o processo de construção de gênero, a sociedade fabrica as ideias de o que devem fazer os homens e as mulheres, de o que é “próprio” de cada sexo. A oposição binária entre homem e mulher constrói uma essencialidade do feminino e do masculino que estrutura psiquicamente o gênero. Esse quadro não somente marca os sexos, como também marca a percepção do social, do político, do religioso e do cotidiano.

Essas categorias largamente entendidas em nossas culturas são atravessadas por inúmeros discursos que as fazem ganhar um estatuto de naturalidade que atravessa nossas corporalidades e nossos entendimentos sobre o que somos e como atuamos em nossas relações sociais. Para alguns é fácil dizer: *sou uma mulher e me chamo Maria*. É como se estivesse inscrito em seus corpos um caráter imutável, intransponível, religiosamente dogmático dessa marca. Ela foi tantas vezes performaticamente repetida que assumiu um caráter de verdade. Um dos espaços em que se realizou esse efeito performático foi a escola e, sem dúvida, seu principal instrumento de apoio foram os atos curriculares.

O modelo hegemônico de escola constitui-se como um lugar de correção, extensão por excelência das pedagogias preventivas e coercitivas, laboratório de currículos e de construções de corpos. Nessa configuração disciplinar, cada sujeito ocupa um *status* itinerante na teia de (auto) vigilância. O que se destaca nessas reflexões foucaultianas é a ideia de que as relações de formação e coerção não se operam privilegiando um sujeito, mas se arquivam em uma complexa engenharia em que cada sujeito, em determinado tempo e espaço, configura-se em um lugar no controle sobre o outro e sobre si. No que tange à professora Tirésia, sua iniciação profissional se operou na intensificação dessa vigilância. Ela descreve:

[...] Me senti como se fosse um tira no jardim de infância [...] No primeiro momento foi chocante porque as mães pensavam que eu era mulher. Quando eu fui apresentada pela diretora e ela disse meu nome masculino, elas não aceitaram. Eu entrei na sala de aula, conversei com elas. Eu pedi uma chance. Eu contei minha história, disse que queria muito estar ali na escola, que iria tratar muito bem as crianças [...] Eu tinha muita atenção com as crianças. Quando a criança tinha lênzea, eu falava. Quando ela tinha problema de vista, eu conseguia detectar. As mães foram gostando daquilo. Sempre fui uma boa alfabetizadora. Uns 90% conseguiam ser alfabetizados e outros conseguiam mais do que o esperado. Eu não desistia das crianças. [...] Eu sei que o medo dos pais era a ideia que eles têm de nós. Para eles nós somos abusadores de criança, hoje em dia somos chamados de pedófilos. Eles acham que a gente vai molestar a criança. Esse é o grande medo das mães. Elas me contavam que tinham medo disso. Eu falei que podia ficar uma mãe comigo na sala de aula, me ajudando. Então, eu pedi que na 1ª semana ficasse uma mãe para me ajudar. Ela viu o meu carinho com as crianças, ela viu que meu afeto era respeitoso e que eu as tratava como filhos [...] Na escola, os banheiros eram divididos por sexo e somente tinham dois, um de homem e outro de mulher. Como eu tinha muitos alunos, a turma era muito cheia, eu não saía da sala. Sempre pedia alguém da inspeção ou da limpeza para levar as crianças. Isso foi no início, depois não precisei me preocupar com isso. Depois de um tempo na escola, eu comeci a trabalhar com as crianças maiores e elas já sabiam usar os banheiros sozinhas.

No diálogo com a professora Tirésia, somos interpelado pela ideia de que as identidades operam sob o governo do detalhe e, nesse caso, essa dinâmica opera através de um planejamento curricular do feminino. Nesse esquema, um corpo nomeado não é simplesmente a confirmação de um artefato linguístico, mas a negação de outros. Mas, para existir, as identidades precisam de um ‘teatro’ discursivo que solicita aos recursos científicos, sociais, culturais e históricos a sua escrita linguística e sua ampla e intensa divulgação na sociedade.

Para Tirésia, a ingestão de medicamentos acrescida aos acessórios reconhecidos por ela como pertencentes ao universo das mulheres foram fundamentais para a construção de sua feminilidade.

Eu comecei a tomar hormônios com 15 anos [...] eu comecei a ler a bula de remédio e vi que quando minha mãe tomava pílula anticoncepcional, os efeitos colaterais eram o aumento dos seios, o aumento do quadril, a maciez da pele. Eu comecei a tomar escondido, foram sumindo os pêlos e meus seios foram aumentando. Minha mãe viu que tinha alguma coisa de estranho. Mas, ela viu que não podia remar contra a maré. Que eu nunca me aceitei como menino. Nunca deixei que ela me fizesse ser o que ela queria que eu fosse.

Os avanços das cirurgias estéticas, a várias técnicas de implantes de silicone e as sedutoras lipoesculturas, assim como os manejos genéticos, as tecnologias de procriação e a possibilidade de clonagem humana, podem ser refletivas como expressões das novas tentativas de modificar o sexo, impelidas pelo discurso da ciência. Este cenário interpela os sujeitos e abre outras possibilidades de projeção social, como confirma a professora Tirésia:

É a possibilidade de adequar meu corpo à minha mente. Adequar o meu órgão ao que penso, era uma vagina que deveria estar aqui. A cirurgia vai completar o que minha mente diz o que eu sou, uma mulher heterossexual. A psicóloga me perguntou desde quando eu me considero transexual. Eu respondi que nunca me considerei. Não tenho trans, não tenho código 64, eu não tenho número. Eu não tenho rótulo. Eu sou uma mulher heterossexual [...] No meu interior, eu sou uma mulher heterossexual e procuro um companheiro heterossexual [...].

Para Tirésia, a sua feminilidade opera-se na negação da feminilidade das travestis, nomeada por ela no gênero masculino e demarcado como espalhafatoso. Seu corpo não aceita rótulos, entretanto, não abre mão de confirmar *eu sou uma mulher heterossexual*. Afinal, é esse estatuto que lhe permitirá a legibilidade que deseja, em uma sociedade operada pela dicotomia. Sem contar que, na busca de afirmar sua condição “fragilizada” de mulher, projeta um corpo altamente controlado, milimetricamente calculado no seu entendimento de feminino e à espera da confirmação de sua condição. A permanência de Tirésia no espaço da escola é mediada pelo seu empenho profissional, pelo medo da disciplina matemática e pela capacidade de driblar as curiosidades e assédios dos alunos. Segundo ela, no...

[...] primeiro dia tinha aquela resistência. Eu perguntava sobre o que eles sabiam de Matemática, no geral, poucos sabiam. Eu aproveitava o desconhecimento e dava uma boa aula. Eu perguntava: vocês têm ideia do que seja função? Já aprenderam isso na 8ª série? Para ensinar função, eles tinham que saber equação do 2º grau, então eu explicava direitinho. Tinha a maior paciência. Eu os deixava usar tabuada. Eles não sabiam tabuada e eu tinha paciência com eles, não chamava ninguém de burro. Porque tem professor que faz isso. Mas, pra mim, o magistério é um sacerdócio. Pra dar aula, você tem que gostar, senão você não dá aula, o salário é muito baixo. Eu conquistava meus alunos [...] Eu nunca vou bater de frente com os alunos, porque eu não acho correto destratar ninguém. Sempre na minha vida fui destrutada. Por que eu vou destratar alguém? Eles são adolescentes. Eu tinha um corpão na época. Aquilo chamava atenção dos meninos. Só que nunca dei confiança, nunca saí com aluno e no supletivo, quando dava aula à noite, fui muito assediada.

Se entre as usuárias das identidades travestis e transexuais existem diferenças conceituais e de modos de viver, como nos destaca a professora Tirésia, no campo cotidiano as violências sofridas assemelham-se. Para além do desejo e das configurações do corpo, a identidade sexual tem, para algumas, potencializado a pobreza ou as redes de vulnerabilidades, colocando a prostituição como uma das poucas profissões possíveis. O início dessa atividade está diretamente ligado à exclusão da escola e/ou família. Assim, em inúmeros estados brasileiros, está na agenda de mobilização política a inclusão do nome social das travestis e transexuais nos dados escolares. Essa ação é vista como a possibilidade de alterar quadro de segregação e de vulnerabilidades sociais. Para a professora Tirésia a verbalidade do nome feminino é mais que uma identificação, é a confirmação daquilo que ela deseja que seja reconhecido, sua identidade de mulher. Em sua experiência profissional, sua feminilidade era regulada pela possibilidade de ouvir seu nome de registro cartorial.

Em março de 94, eu assumi minha matrícula [...]. Mas, não fui aceita. A comunidade era muito violenta... Os meninos falavam que se eu voltasse, eles iam me matar e eu fui à Metropolitana [administração] e me mandaram ir a [outro lugar] pra tentar mudar minha lotação. Recomendaram que eu dissesse que

eu fui ameaçada. No dia seguinte eles mandaram uma pessoa lá pra verificar e a diretora realmente confirmou a ameaça. Ela ratificou porque ela queria se livrar da bomba que eu era. Eles me transferiram [...], no bairro onde eu tinha morado. Só que me jogaram dentro da Favela [...], me jogaram num CIEP que não tinha ensino médio e nem de 5ª a 8ª série, só tinha ensino de 1ª a 4ª. Como eu tinha curso Normal, perguntaram se eu gostaria de dar aula para as crianças. Era a única vaga que tinha. Me colocaram em desvio de função, porque não tinha vaga pra Matemática. Eu aceitei, mas também eles não me aceitaram porque dentro da favela era complicado demais, porque se elas usassem meu nome feminino, não tinha problema. Mas, como elas colocavam no quadro de horário [meu nome masculino] aí já era. Era o traveco, o travesti, sei lá [...] Era muita humilhação.

A cidadania dos e das transexuais e dos e das travestis inaugura um dilema, para não dizer confusão, nas ordenações jurídicas e sociais e, portanto, escolares. Um exemplo foram as alterações burocráticas ocasionadas com o nome social (aquele reivindicado por eles/elas) nos registros escolares. Vários estados, como Pará, Goiás e Paraná já aprovaram a utilização dos nomes sociais nos registros escolares da educação básica. Mais recentemente, os e as estudantes transexuais e travestis da Universidade Federal do Amapá (Unifap) conquistaram o direito de passar a usar seus nomes sociais em documentos acadêmicos, com exceção do diploma. As documentações confirmando a identidade de gênero e *status* gerados com a escolaridade são os pontos fundamentais de argumentação de cidadania em uma rede social de intensa vulnerabilidade. A professora Tirésia diz que o documento

[...] É uma forma de defender, muitas pessoas pensam que nós fazemos programa. Quando eu saio e a polícia me aborda, quer sempre fazer revista e, com a desculpa de procurar droga, eles ficam apalpando meus seios e apalpam meu bumbum. Eu não deixo. Quando eles vão me abordar, falam: – Encosta no carro. Aí eu digo: ‘antes de você me revistar, quero que veja meus documentos. Quando se aborda uma pessoa na rua, a 1ª coisa é ver se ela é trabalhadora e eu sou funcionária pública, igual ao senhor, trabalho para o Estado’. Ele já leva um choque, eu pego meu contracheque e pego minha identidade e mostro. ‘Sou funcionária pública e está aqui meu documento’. Eles já veem que eu não sou travesti de pista [...].

A expressão da identidade sexual e profissional é resultado de artuculosos investimentos nos que cotidianamente somos disciplinados e compelidos a confirmá-los em ações e acessórios que favorecem uma projeção profissional, a exemplo do que diz Tirésia:

Eu usava roupa feminina na escola, mas não com decote como esse aqui. Eu me vestia com roupas femininas, mas tapava todo o meu corpo, pois se fosse dar aula desse jeito, os alunos não iam prestar atenção. [...] Todo meu busto coberto. Usava roupa clássica. Cabelinho sempre preso e maquiada.

Com a professora Tirésia verificamos que para ser professora e sustentar esta identidade profissional, o sujeito é obrigado a calcular cada movimento, cada vestimenta, cada desejo e cada discurso. Esse efeito é performativo, isto é, tem o poder de produzir aquilo que nomeia e, assim, repete e reitera as normas. As identificações sexuais e de gênero não são dadas, mas resultantes de uma construção que, embora realizada pelo sujeito, lança mão dos elementos culturalmente disponíveis na família, na escola, na religião, na mídia... para construção do efeito pretendido. A ideia de construção fica ainda mais evidente quando ela diz:

A minha voz é trabalhada na fono. Minha voz nem é essa. Minha voz é grossa, masculina. Mas, eu aprendi a falar assim, pra ser feminina. Para que eu, ao falar, seja natural. Mas, estou aqui falando contigo e controlando o diafragma. Controlando toda a estrutura do meu corpo. Olha como sai minha voz sem controlar o diafragma. Notou a diferença? Então, para que eu seja o que sou, não posso falar assim. Então, você está vendo os mecanismos que a gente busca pra controlar. Você vê que eu estou falando há mais de uma hora e você não viu nenhuma falha na minha voz. Eu conduzi meu corpo até essa voz. [...] São técnicas que você vai aprendendo, pra aprender a se aceitar.

A construção dos corpos sexuados, naturalizados como diferentes, é mais um assunto da disputa de saberes que se instaurou com a história da modernidade. Como os gêneros são constituídos e significados através de tecnologias educativas assimétricas de âmbito cultural, social,

política e histórica, é ele que significa o sexo. Portanto, não existe *in natura* sexo sem gênero, conforme nos afirma Berenice Bento (2003). Para essa autora, os corpos já nascem conspurcados pela cultura, já se originam ‘cirurgiados’ por tecnologias discursivas precisas que irão orientar e validar as formas adequadas e impróprias dos gêneros. Nessa lógica normalizada não somos nós sozinhos a determinarmos os gêneros de nossos corpos, eles são configurados a partir de nossas leituras das tecnologias educativas e performativas que nos regulam.

Esse quadro fica compreensível se atentarmos para a ideia que nossos corpos são diariamente interpelados, milimetricamente desenhados pelas inúmeras pedagogias que nos orientam nessa seara de configurações, até chegar ao ponto de penetrar nos lugares mais privados da vida, da subjetividade e do corpo, dispensando a essencialidade das instituições que iniciaram o trabalho de adestramento. Esse poder consegue sua eficácia quando o vigiado internaliza o olhar do vigilante, adquirindo, assim, em si mesmo, as funções iniciais da visão de quem o olha. A concepção de “poder disciplinar” de Foucault (1993) nos auxilia a compreensão dos processos de construção dos corpossexuados e da incorporação de uma estilística corporal, uma vez que são produzidas a partir de um conjunto de estratégias discursivas e não discursivas, fundamentadas na vigilância de condutas apropriadas a cada gênero.

Se no discurso se inscrevem as coisas e nas coisas operam sentidos, essa dinâmica de disciplinamento e controle do corpo, da projeção de desejo e do governo do detalhe, em última instância, significa o controle sobre o que é dito no discurso e expresso no corpo. O principal espaço de produção e expressão da cultura no qual a partir dele significamos os demais elementos e, sobretudo, produzimos nossa sexualidade e redes de identificação o corpo é onde se operam os currículos e, neste sentido, essa discussão ganha importância por ser um dos dispositivos pedagógicos pelos quais a escola executa a formação intelectual e a construção de sujeitos.

CRUZANDO OS SECRETOS: REFLEXÕES SOBRE AS SEXUALIDADES PEDAGÓGICAS

O sexo é um artefato cultural regulado socialmente, basta observar os discursos sobre tabu do incesto, a lei da exogamia, a aliança política e depois o contrato social para chegar a essa configuração. Desde o início, o sexo⁴ é normativo, é um “ideal regulatório”, como afirmou Michel Foucault. Ele não só funciona como norma, como também é parte de uma prática reguladora que produz os corpos que governa. É o dizer, cuja força se manifesta como uma espécie de poder produtivo. Em outras palavras, ele é uma construção ideal que se perpetua obrigatoriamente através do tempo, não é uma realidade simples ou uma condição estática, é um processo mediante o qual as normas reguladoras o materializam e, por sua vez, desenvolvem a materialidade em virtude da reiteração forçada da norma (BUTLER, 2002). Essa marca tem normas de cortesia e etiqueta, são prescritos e proscritos modos e maneiras de fazê-la legível. As condutas sexuais são, portanto, condutas sociais e ganham caráter cultural e, ao se perder nos gêneros, assumem a falácia de natural.

Escrever sobre sexo é produzir discursos sobre o controle e práticas pedagógicas sobre a sexualidade. Essa configuração humana que GUASCH (2000) irá chamar de o conjunto das práticas e discursos relativos ao gênero, ao desejo, a afetividade, a criatividade e sua reprodução é transversal aos sistemas sociais e culturais, portanto, ela não é natural e se localiza e se adequa à realidade de cada contexto histórico. Nesse sentido, a sexualidade não se ajusta a um modelo unívoco, ela é fundamentalmente plural. Para cada sociedade existem saberes sexuais hegemônicos e outros subalternos. Os primeiros asseguram a ordem social e a legitimam e os segundos os questionam e, em ocasiões, conseguem generalizar proposta alternativa à hegemônica, tornando-se, por vez, uma opção ou cooptação.

Ainda que saibamos que as palavras assumem configurações, a etimologia é, por vezes, esclarecedora dos

significados atribuídos a elas. A palavra “sexo” deriva do termo latino “*seccare*” e significa dividir, partir, cortar. O que essa descrição quer nos dizer é que ela transporta consigo a marca da divisão, do corte, portanto, da incompletude. Entendo a sexualidade e, por extensão, a humanidade como fundamentalmente incompleta, imperfeita e em construção. Se a ciência e os saberes dogmáticos buscaram aprisioná-la, ainda que queiram, não é possível vislumbrar qualquer fim para esse constante caminhar.

O que essa etimologia nos diz é que não só não há um lugar fixo e correto para o que seja sexualidade, como também, nessa lógica, não me parece possível descrever o que seja humano. Isto se aceitarmos que a sexualidade é condicionada à curiosidade, a criatividade e à necessidade humana e que, por sua vez, é social, cultural e histórica. Sem o mínimo de liberdade de busca e de invenção, não há sexualidade e, se bem entendida, a humanidade. A ausência de liberdade impede o movimento para a completude que toda a sexualidade eternamente busca e que a toda a aprendizagem, independente de sua ordem, suscita. Portanto, existe um nexo entre a sexualidade, o prazer e a curiosidade pelo saber. A esse movimento infinito em busca da completude e em busca do conhecimento chamamos de desejo.

Briztman (2005) nos diz que a sexualidade nos dá a instabilidade, a curiosidade, o desejo de aprender e a paixão de ignorar tudo o que se interpõe no caminho da aprendizagem. Sem sexualidade não existe curiosidade, afirma a autora. O tema da sexualidade é primordial à questão de se converter em cidadão, de modelar um ser capaz de inventar, outra vez, o valor para se defender, para sentir apaixonadamente as condições dos demais, para criar uma vida a partir do aprender a amar e de fazer desta aprendizagem do amor um amor pela aprendizagem.

A potencialidade da sexualidade é capaz de gerar situações irreversíveis. Por isso, ela é tão temida e é capaz de gerar tantos discursos. No que diz respeito às projeções de gênero, ao mesmo tempo em que é possível per-

ceber o poder do discurso hegemônico, segundo o qual a dominação masculina se diz nas práticas e discursos que o enunciam, evidenciam-se novos arranjos sociais em lares liderados por mulheres ou nas múltiplas maneiras de se vivenciar os marcadores de gênero. É muito comum ver famílias administradas por mulheres que passam a assumir as expectativas significadas aos homens.

A escola e a família, no que diz respeito às possibilidades de construção de masculinidades e feminilidades, são os locais privilegiados em que os sujeitos buscam os elementos para a sua projeção particular de gênero. Esse quadro expõe a histórica preocupação com a sexualidade e a projeção de gênero dos e das professoras. Indiscutivelmente somos referências e exercemos certas influências nos e nas estudantes. À medida que as identidades sejam desestabilizadas e, portanto, suas fronteiras fragilizadas, que os discursos que nos educaram e nos governam sejam questionados e desnaturalizados e a nossa curiosidade seja potencializada, poderemos experimentar inúmeros estilos de viver e de construção de saberes. A forma com que a sexualidade foi aprisionada ao ato sexual e à homofobia impede aos e às professoras de pensarem a sexualidade como um dispositivo de criação e desejo por conhecer. Entretanto, se o medo é potencializar identidades sexuais contra-hegemônicas, a resposta nos foi dada por Michel Foucault quando foi entrevistado por Paul Rabinow. Quando o antropólogo perguntou ao filósofo se os e as professoras homossexuais representavam perigo para a infância, ele respondeu:

El hecho de que un docente sea homosexual sólo puede tener consecuencias electrificantes y intensas en el alumnado hasta el punto de que el resto de la sociedad se niega a admitir la existencia de la homosexualidad [...] En cuanto al problema del docente homosexual que trata de seducir activamente a su alumnado, todo lo que puedo decir es que en toda situación pedagógica existe la posibilidad de este problema; se encuentran ejemplos mucho más desenfrenados de este comportamiento entre profesorado heterosexual, por la única razón de que es un colectivo mucho más numeroso⁵ (FOUCAULT, M. apud BRIZTMAN, 2005. p. 53).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas reflexões podemos verificar a presença de diversas feminilidades nos discursos de Tirésia. Isto reafirma a ideia de que os gêneros são construídos e cada sujeito o fabrica e o apresenta como um projeto interminável. Estas palavras podem mostrar que na prática a vivência pode ser mais ampla do que as defendidas nos discursos ou percebidas nos atos curriculares. Os gêneros potencializados pela criatividade da sexualidade são capazes de configurar inúmeras corporalidades.

Sem dúvida, a sexualidade emerge outra configuração na prática escolar cotidiana. Ela potencializa um encontro erótico com o saber, um romance prazeroso com o conhecimento, uma postura debochada, desconfiada e irônica com o dogmatismo e uma insaciável curiosidade pela experiência. Por isso, devemos sequestrá-la dos livros, roubá-la dos e das especialistas, sujá-la e potencializá-la ao máximo na escola. Afinal, a que tememos? O tom desafinado do coral no pretensioso silêncio da sala de aula? Um corpo rebelde que insiste em ficar em pé na homilia escolar? Uma indisciplina no coral gregoriano da prática docente? Estes temores residem no autoritarismo, na missão messiânica do e da professora e a crença no milagre. Felizmente, jamais vivemos uma prática em que todos os e as estudantes fossem sujeitos mortos ou santificados. Se nossa prática docente nos faz uma espécie de deus, sujeitos capazes de marcar a trajetória de vida dos e das estudantes, nós propomos convidá-l@s a dançar ao som do atabaque e ao ritmo do tamborim porque não acreditamos em deuses que não dançam e não nos levam à felicidade e à dignidade.

BODY WITH MANY SIGNIFICATIONS: THE TRAJECTORY AND THE CURRICULUM ACTS OF A WOMAN TEACHER THAT LIVES WITH THE SOCIAL INTELIGIBILITY OF GENDER

Abstract

With the biographic discourse, the self-invention is possible and the subject appears as an unfinished project, living between 'what is now' and 'what can not be more' or 'what is going to be'. This unstable panorama becomes intensive with the crisis of the traditional gender definitions, in proportion of their interpellation and their disorder in the post-modernity. At this way, from the trajectory of a woman teacher that lives with the social intelligibility of gender, it shows the corporeity that isn't found in the normative discourses, and it also shows the *meeting-fighting* of this corporeity on the school spaces. The life experience of that woman teacher assumes diverse configurations that always almost interdict her; actions that have relations with the tries to give more power to the androcentrism and the heteronormativity on the society. Then, her biography leaves us to think of sexuality as a creative dispositive and as an eternal and inciter walking through the (self-)satisfaction and dignity.

Keywords: Heteronormativity. Dissident Sexualities. Gender. Curriculum acts.

NOTAS

- ¹ Nos foi dito por uma liderança das profissionais do sexo no Rio de Janeiro que o termo tem como significado a ideia de uma mulher fabricada.
- ² A configuração corporal de *Tirésia* nos impossibilita, diante das regras gramaticais, de realizar uma concordância de gênero. Assim, o sinal @ é para descrever a unificação do masculino e feminino em um corpo itinerante e andrógino.
- ³ Tanto na centralidade hegemônica (branco, heterossexual, judaico-cristão e masculino) quanto as contra-hegemônicas criaram referências. Então, caminhamos entre um determinado eixo desta centralidade contra-hegemônica, onde se constituem os corpos estranhos, até a sua fronteira com a centralidade hegemônica. A expressão "corpo estranho" é inspirada em Louro (2004) e se configura como a ação política de um corpo que caminha na contradição, não podendo ser capturado por nenhuma centralidade.

- ⁴ O sexo é entendido no discurso biológico como o conjunto de características genéticas, anatômicas e hormonais que distinguem o XY (macho) do XX (fêmea) e também remete a relação genital entre pessoas. Porém, demarcamos que entendemos 'sexo' como um feito social e não como um ato natural ou uma função biológica de caráter reprodutivo.
- ⁵ O feito de que um docente seja homossexual somente pode ter consequências eletrificantes e intensas no alunado até o ponto de que o resto da sociedade se nega a admitir a existência da homossexualidade [...] Quanto ao problema do docente homossexual que trata de seduzir ativamente a seu alunado, tudo o que posso dizer é que em toda situação pedagógica existe a possibilidade deste problema; se encontram exemplos muito mais desenfreados deste comportamento entre professorado heterossexual, pela única razão de que é um coletivo muito mais numeroso.

_____. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VON FOERSTER, H. *Las semillas de la cibernética*. Barcelona: Gedisa, 1996.

REFERÊNCIAS

AZIBEIRO, N.; FLEURI, R. *Paradigmas interculturais emergentes na educação popular*. disponível no site http://www.grupalfa.com.br/arquivos/Congresso_trabalhosII/palestras/Fleuri.pdf, acessado em 09 de Nov. 2009.

BENTO, B. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BRITZMAN, D. Educación precoz. In: STEINBERG, S.; TALBURT, S (eds). *Pensando queer: sexualidad, cultura educación*. Barcelona: Graó, 2005.

CALVINO, Í. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GIROUX, H.; SIMON, R. Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. In: MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. (Orgs). *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 2009.

GUASCH, O. *La crisis de la heterosexualidad*. Barcelona: Laertes, 2000.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LAMAS, M. Cuerpo: diferencia sexual y género. *Debate feminista*. Vol. 10 (sep. 1994).

LOURO, G. L. *Currículo, gênero e sexualidade*. Porto, Portugal: Porto Editora, 2000.

